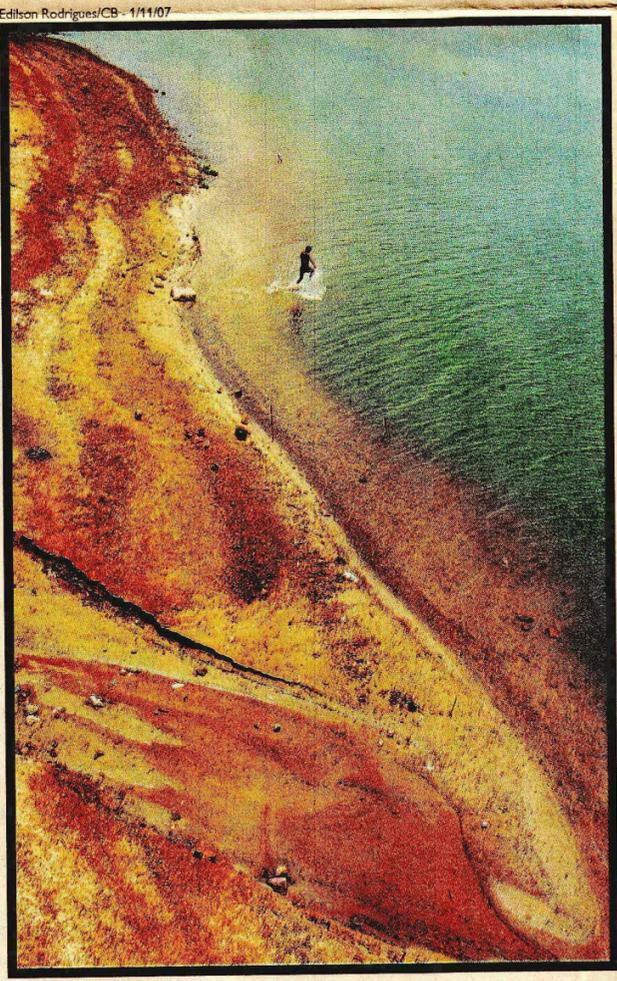




NA PARTE MAIS URBANIZADA DO LAGO, PERTO DA PONTE JK, NOVO CARTÃO-POSTAL DA REGIÃO, O ACÚMULO DE LIXO E O DESCASO EM TERMOS DE FISCALIZAÇÃO NÃO PODERIAM SER MAIS VISÍVEIS: AGRESSÕES CONSTANTES AO AMBIENTE

Entupiram o Lago Paranoá

ELISA TECLES
DA EQUIPE DO CORREIO



1º de novembro
FAIXA DE AREIA E PEDRA PODIA SER VISTA NO MEIO DO LAGO DURANTE A SECA

O Lago Paranoá está perdendo espaço para a ocupação urbana desenfreada nas redondezas de Brasília. Terra, areia e entulho trazidos pelas chuvas de diversos lugares do Plano Piloto e cidades do DF ficam acumulados no fundo do lago e formam montes de lama e pedras. Durante a seca, emergem pequenas ilhas de detritos que mancham o azul-esverdeado do principal cartão-postal aquático da capital; na temporada de chuvas elas ficam submersas, mas o que preocupa os ambientalistas é o que se passa nas profundezas do lago.

“O Paranoá está encolhendo, desde que a perda do volume de água e profundidade começou a ser acelerada pelo assoreamento”, explica Gustavo Souto Maior, presidente do Instituto Brasília Ambiental (Ibram), que também é professor de economia ambiental na Universidade de Brasília (UnB). Para se ter idéia do grau de degradação do reservatório, a área do espelho d’água sofreu redução equivalente a 250 campos de futebol (250 hectares) desde que ele começou a ser construído, no fim da década de 1950 — acrescenta Souto Maior.

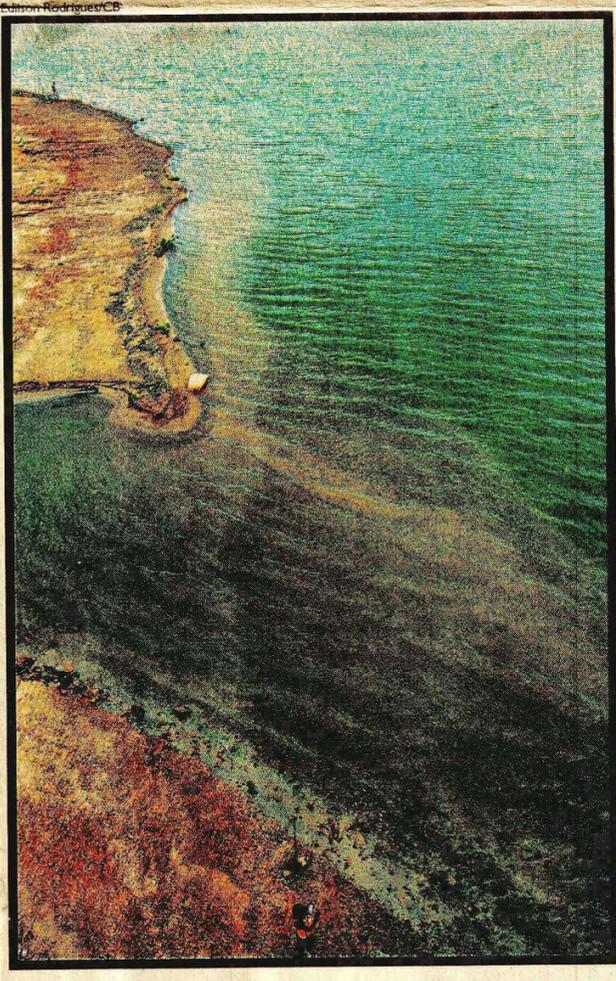
Reflexo da chuva
No período de chuvas, o fenômeno do assoreamento é intensificado, alerta Gustavo. Ele lembrou que nos seis primeiros dias deste mês, já choveu 77,3 mm no DF, índice considerado normal para a época do ano. “Mas é suficiente para transportar restos de material sólido encontrado nas ruas, canteiros de obras e margens de cursos d’água de outras cidades até o lago. Porque quando bate a chuva, todo esse material vai parar nos córregos, que levam o entulho para o lago. Tudo o que acontece nos riachos próximos, o Paranoá sente”, explicou.

O processo de assoreamento — depósito de material insolúvel em cursos d’água — está deixando o Lago Paranoá a cada dia mais raso. O fenômeno aconteceria naturalmente, segundo Souto Maior, mas a longo prazo. No entanto, a ação humana provoca o alargamento das margens do manancial

e apressa o acúmulo de materiais sólidos e arenosos em seu leito. Somando esse processo à estiação que castigou o DF por cerca de quatro meses este ano, o resultado da equação é simples e preocupante: margens cobertas de barro e bolsões de areia e pedras no meio do lago. Com a chuva, tudo isso fica invisível à flor d’água, mas a situação do lago piora nas bases de seu leito e nas margens. “Esse problema está afetando o lago de maneira intensa e perigosa. O Paranoá está encolhendo e é preciso tomar cuidado com isso o quanto antes”, adverte Souto Maior.

Desmatamento
Segundo o presidente do Ibram, uma das principais causas do assoreamento é a combinação

explosiva de expansão imobiliária com a ocupação indiscriminada de terras. Estacionamentos, ruas asfaltadas e impermeabilizadas impedem que a água da chuva infiltre no solo, aumentando o volume de líquido que corre para os rios. Além disso, a construção de prédios e calçadas implica no desmatamento da área, o que fragiliza o solo. A formação das ilhas de detritos no lado sul do lago é consequência do material desagregado de areia e rochas que vem de condomínios do Riacho Fundo, Vicente Pires e Águas Claras. Nos dois primeiros, a água invade as ruas não pavimentadas durante as tempestades e carrega terra, lixo, e o que mais estiver no caminho. Em Águas Claras, a vegetação é rala e não consegue manter



8 de novembro
AGORA, SUBMERSA COM A CHEGADA DAS CHUVAS, A ILHOTA COMEÇA A SUMIR

o solo fixo — por isso a terra é levada mesmo com as chuvas de menor intensidade. Esse material — segundo Souto Maior — é carregado até o Riacho Fundo, um dos mananciais que formam a Bacia do Lago Paranoá, e em seguida é despejado no fundo do lago. Apenas uma pequena parte dos detritos fica no riacho. “Acredito que o lago já deve ter perdido entre 10% e 20% do volume de água com o assoreamento. Esse problema tem se intensificado nos últimos 10 anos com os assentamentos e construções”, analisa Henrique Chaves, professor de engenharia florestal da UnB. Chaves explica que a única solução seria controlar a erosão, impedir o loteamento de terrenos em Áreas de Proteção

Permanente (APPs) e organizar as ocupações urbanas. “O primeiro passo é planejar o uso do solo. O segundo é remover os detritos e pensar em utilidades para eles, como transformá-los em fertilizante.”
Soluções
Além do controle do avanço das construções em áreas que interferem nas fontes do Lago Paranoá, especialistas defendem que seja feita a retirada do material já acumulado. Uma pesquisa da Companhia de Saneamento Ambiental do DF (Caesb) estima que seriam gastos R\$ 50 milhões na remoção dos detritos depositados no Riacho Fundo. De acordo com o superintendente de Meio Ambiente da Caesb, Maurício Ludovice, deve

O QUE DIZ A LEI

De acordo com o artigo 53 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, as penas para crimes ambientais podem sofrer aumento de um sexto a um terço se o fato em questão resultar na diminuição de águas naturais, erosão do solo ou modificação do regime climático. Os artigos 38 e 50 estipulam que é proibido danificar florestas de preservação permanente ou a vegetação fixadora do solo. A Lei nº 41/89, que estabeleceu a Política Ambiental do Distrito Federal, determina, basicamente, que o agente causador de dano ambiental deve ser submetido a um processo administrativo pelo órgão ambiental local. A punição depende do tamanho do dano causado e pode ser advertência, ordem para desobstruir e recuperar a área. Quanto mais difícil for a recuperação da área degradada, maior será a multa. O infrator também poderá pegar penas que variam de um a quatro anos de reclusão.

haver cerca de 1,1 milhão de metros cúbicos de sedimentos na região, o que lotaria as caçambas de 184 mil caminhões. “Como tem muito material ali, uma parte seria retirada e a outra poderia ser remanejada dentro do riacho para facilitar o curso da água”, avaliou. A dragagem também precisaria ser realizada no Ribeirão Bananal. Antes de desembocar no Paranoá, ele recebe o córrego Acampamento, que passa próximo à Vila Estrutural e Cidade do Automóvel. Os sedimentos coletados nesses dois locais estão provocando o assoreamento na região da Ponte do Brageto, que liga a Asa Norte ao Lago Norte. Ilhas de areia e vegetação estão brotando das águas e revelando as margens que ficavam escondidas sob a água.